



ÁLVARO SIZA. O arquiteto e a espiritualidade da arte.

Foto Igor Martins / Global Imagens

Siza Vieira desenha e expõe a Paixão de Cristo nos Clérigos

“A QUESTÃO SOBRE DEUS É O NÃO SABER EXPLICAR” e é também o título do livro redigido a quatro mãos, as de ÁLVARO SIZA VIEIRA e as de D. JOSÉ TOLENTINO DE MENDONÇA, a respeito dos 45 desenhos da autoria do arquiteto, em exposição nos Clérigos, no Porto, e a propósito das interpelações com o cardeal sobre a espiritualidade suscitada pela arte e pela arquitetura.

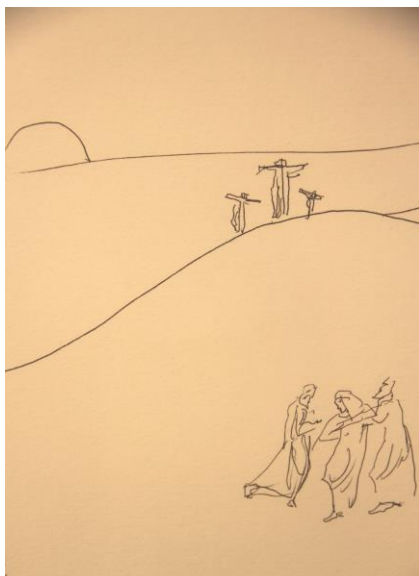
Retido por questões de saúde, D. Tolentino - poeta e teólogo português, arquivista do Arquivo Apostólico do Vaticano e bibliotecário da Biblioteca Apostólica Vaticana, na Cúria Romana - não pôde estar presente no lançamento do livro que redigiu em co-autoria com o decano dos arquitetos (Matosinhos, 25 de junho de 1933) nem na abertura, decorrida esta terça-feira, da exposição dos desenhos de Siza sobre a Paixão de Cristo.



Nas "pietàs" expostas na Torre dos Clérigos, o "desenhador dos tempos livres", como o próprio se define, encontra em cada traço os caminhos de meditação sugeridos no livro editado pela "Letras e Coisas", dirigida por Nuno Higinio, que era, em 1996, pároco do Marco, na mesma altura em que foi inaugurado um dos projetos mais marcantes da

obra de Siza, o da igreja de Santa Maria.

Álvaro Siza resume todos estes encontros e reencontros: **"Desde menino que tenho a mania do desenho. Dá prazer. Ajuda muito na Arquitetura. Mas a maior inspiração é sempre o diálogo com as pessoas que desenvolvem qualquer projeto. Por isso, inspiração não é nada que cai do céu. É o resultado de um trabalho de pesquisa, em que há muitos participantes, hoje mais do que nunca, devido à complexidade dos problemas que envolvem a Arquitetura".**



Do primeiro momento em que começou a pensar na arquitetura como expressão de espiritualidade nem o próprio tem memória precisa. E da inspiração para os 47 desenhos sobre "A Paixão de Cristo", Álvaro Siza diz que a recolheu no isolamento social forçado pela pandemia, "para não entrar em depressão, num tempo triste".

A uma das questões formuladas no livro por D. Tolentino - "Como chegou à representação de Cristo?" -, Álvaro Siza sempre encontrou resposta num tempo mais recuado. **"Desde pequenino que frequentei a catequese e aí tive contacto com a figura de Jesus, ainda**

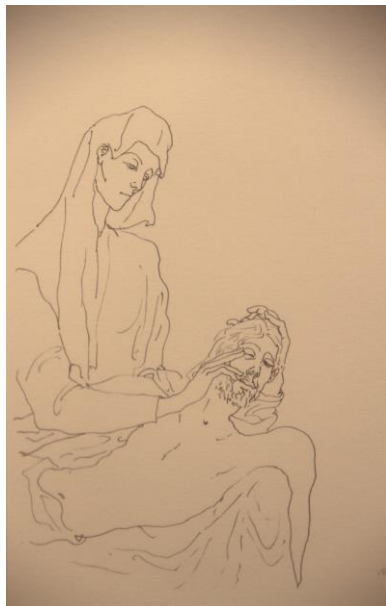
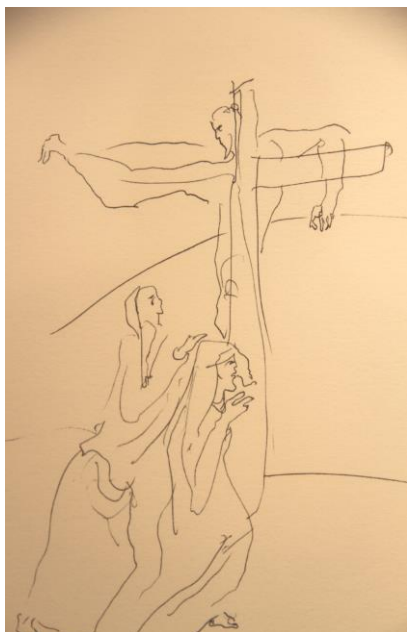
que a pedagogia não tenha sido, talvez, a melhor [...] A figura de Cristo está presente com toda a variedade de situações que tem a vida de qualquer um. Há os cristos sofredores, os cristos da serenidade, os cristos do movimento ou do repouso. E os cristos da morte [...]", observa o arquiteto, a desvendar os desenhos que estarão patentes ao público até 30 de setembro.

Vai para três décadas que esta abordagem espiritual ganhou forma nos estiradores de Siza, desde que, no início da década de 1990, a Diocese do Porto encomendou a projeção da igreja de Santa Maria, no Marco de Canaveses, ao arquiteto já nessa altura distinguido como os mais altos galardões, entre os quais o "Nobel" da arte da projeção, o Prémio Pritzker, de 1992.

A igreja de Santa Maria foi inaugurada em 1996 e também materializou o "aggiornamento", a atualização da ação da Igreja, determinada pelo Papa João XXIII e pelo Concílio Vaticano II, que decretou o novo rumo de abertura e de claridade. Precisamente, coube ao "escultor da luz", como lhe chamam os congéneres e os

especialistas, superar essa dualidade sombra/luz e também vencer uma certa ideia beata do confinamento, que é a própria antítese da projeção.

Nesta nova vaga de significação transcendente e espiritual ressalta desde logo uma certa geometria de despojamento, que a igreja de Santa Maria passou também a simbolizar. Com traços simples e sóbrios, esta igreja mariana tornou-se num ex-libris da arquitetura religiosa e da pretendida pureza espacial em espaço de liturgia. "É uma obra incontornável, em Portugal e no mundo", afirma Nuno Higinio.



A mesma aspiração de espiritualidade e de desprendimento marcam a obra de Álvaro Siza noutros dois projetos "litúrgicos": o inaugurado, em 2018, o da igreja de Saint-Jacques de la Land (Rennes, França), que outro templo de betão branco, banhado a iluminação natural; e outro ainda em projeto, igualmente cheio de toda a simbologia espiritual, e que há de ganhar forma na Afurada, em Vila Nova de Gaia.

ALMIRO FERREIRA (05.Abril.2022)

Fotos Agência ECCLESIA/PR

[Siza desenha e expõe a Paixão de Cristo nos Clérigos \(jn.pt\)](#)

Livro

A questão sobre Deus é o não saber explicar - ÁLVARO SIZA e JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA €19⁵⁰



Este volume nasceu no contexto da pandemia. No primeiro inverno da era pandémica, Álvaro Siza, pelas razões que ele explica no texto, fez uma série de desenhos sobre a Paixão de Cristo, mais precisamente 45. Foram eles o ponto de partida para um diálogo, em forma de entrevista, com o Cardeal Tolentino sobre o 'lugar estranho' do religioso na arte contemporânea e outras questões que sempre surgem quando se fala de arte e de religião e quando os interlocutores são pessoas com a autoridade destes dois referentes

da cultura do nosso tempo. Aqui se reproduzem os desenhos e o texto desse diálogo.

ÁLVARO SIZA VIEIRA e JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA são duas figuras incontornáveis da cultura portuguesa. É a primeira vez que os dois se encontram no espaço dum livro, conversando sobre a religião, arte e a arquitetura. Desse diálogo nasceu um texto, não muito longo, mas duma grande profundidade de pensamento. Os pontos de partida deste diálogo são diferentes e os caminhos também. Mas, no final, ficamos com a ideia de que o lugar da dúvida é tanto na fé como na descrença. Um dos grandes nomes da arquitetura mundial e um Cardeal com lugar de destaque na Cúria Romana, conversando um com o outro, são razões mais do que suficientes para fazer deste livro uma referência no mundo editorial deste início de 2022.

(Edição bilingue Português/Inglês)

Sobre a Guerra, a Paz e a Cultura

José Saramago

18 de Maio de 2010

TODOS SABEMOS, quer por experiência directa quer por informação do que em terra alheia se passa, como se fazem mobilizações para a guerra. Após a criação prévia, ou oportuna exacerbação, do indispensável foco de conflito, começa a decorrer o processo mobilizador das consciências, invariavelmente entre apelos ao patriotismo elementar, invocações de autênticas ou supostas glórias pretéritas, desfiles cívicos e militares, parangonas de jornais, hinos, discursos, imagens multiplicadas, sons atroadores, e, enfim, com a frieza irrecusável das fórmulas burocráticas, o edital afixado nos lugares públicos e a convocatória que se recebe em casa. Ainda mal foi disparado o primeiro tiro, e esta guerra, conforme os casos, já é santa, já é justa, já é necessária, quando não acumula todos esses atributos e outros que igualmente a justifiquem. Ao longo dos séculos, a arte de mobilizar para a guerra aperfeiçoou métodos e técnicas, com vista a equilibrar, reciprocamente, as potências, a autoridade compulsiva dos governos e a subtilidade das múltiplas determinantes que condicionam os comportamentos colectivos e individuais. A arte de persuadir e convencer tem na mobilização bélica uma das suas mais acabadas expressões.

E a paz? A paz, em geral, não anda

acompanhada de adjectivos. Mas ninguém ignora que muitas vezes a dizem paz armada, o que, obviamente, significa, não já paz, mas deliberada disposição para a guerra. E quando se tornou incómoda para as sofreguidões e impaciências dos que a detestam, então ainda pode ser chamada doutra maneira: é a paz podre, trágico paradoxo linguístico que pretende apresentar como imobilidade, morte e putrefacção aquela mesma paz que é, verdadeiramente, a condição da vida.

Estas duas simples verificações acabam por conduzir-nos ao plano da cultura, aqui entendida como situação do homem e sua relação com o mundo e com a sociedade nacional a que pertença. Culturalmente, temos de reconhecê-lo, os homens são facilmente mobilizáveis para a guerra e dificilmente mobilizáveis para a paz. Eis uma evidência que deveria constituir, a Humanidade sempre considerou, ou foi levada a considerar, a guerra como o mais eficaz meio de resolução dos conflitos, e sempre os governantes se serviram dos breves intervalos de paz para a preparação da guerra que há-de vir. Mas foi sempre em nome duma paz futura que se declaram todas as guerras. É sempre para que amanhã vivam pacificamente os filhos que hoje são sacrificados os pais.

Isto se diz, isto se faz acreditar e acredita, porque se sabe que o ho-

mem, embora historicamente educado para a guerra, transporta no seu espírito um perene, ainda que confuso, anseio de paz. O homem intui, derradeiramente, que o que lhe confere humanidade não é o progresso ou o desenvolvimento científico e técnico, mas sim o desejo de paz. Daí que a paz seja usada como meio de chantagem moral por aqueles que têm interesse na guerra: ninguém ousaria confessar que faz a guerra pela guerra, afirma-se, sim, que se faz a guerra pela paz. Por isso, e só por isso, todos os dias e em todas as partes do mundo continua a ser possível partirem homens para a guerra, continua a ser possível ir e lá destruí-los em suas próprias casas.

Falei de cultura, e talvez pareça que o fiz fora de propósito. Serei porventura mais claro falando de revolução cultural. Revolução cultural é uma expressão fatigada, consumida de contradições, perdida em projectos que a desnaturam, desgastada em aventuras cuja indiscutível generosidade veio a servir interesses que radicalmente lhe eram contrários. Sem dúvida não foram vãs essas agitações, abriram-se espaços, alargaram-se entendimentos. Mas é tempo de reconhecer e proclamar que a única revolução cultural realmente merecedora de tal nome será a revolução da paz, aquela que transformará o homem treinado para a guerra em homem educado para a paz e a quem a paz educou. Essa, sim, será a grande revolução mental, portanto, cultural, da

Humanidade. Este será, de facto, e em tudo, o homem novo.

Por de mais temos visto que abundam os governos que não defendem a paz. Cabe portanto aos governados prepará-la. É talvez uma utopia que fará sorrir os cépticos e os que, servindo os senhores da guerra, não pensam em mais que servirem-se a si próprios. São esses que, chegada a hora, nos mobilizam para a guerra e contra a paz, para a guerra e contra a cultura, para a guerra e contra a cooperação dos povos. Que faremos, então? Mobilizemo-nos todos para a luta pela paz.

É certo que há uma terrível desigualdade entre as forças materiais que proclamam a necessidade da guerra e as forças morais que defendem o direito à paz, mas é também certo que nada, em toda a História, pôde vencer a vontade dos homens, excepto a vontade doutros homens. Não é com forças de transcendência que temos de confrontar-nos, mas sim, e apenas, com outros homens. Trata-se, então, de tornar mais forte a vontade de paz que a vontade de guerra. Trata-se de entrar em mobilização geral para a luta pela paz: é a vida da Humanidade que estaremos defendendo, esta de hoje, e a de amanhã, que talvez se perca se não começarmos a defendê-la agora mesmo. A Humanidade não é uma abstracção retórica, é carne sofredora e espírito ansioso, e é também uma esperança inesgotável. A paz é possível. Mobilizemo-nos para ela.



As mãos de meu pai

As tuas mãos tem grossas veias como cordas azuis sobre um fundo de manchas já da cor da terra – como são belas as tuas mãos pelo quanto lidaram, acariciaram ou fremiram da nobre cólera dos justos... Porque há nas tuas mãos, meu velho pai, essa beleza que se chama simplesmente vida. E, ao entardecer, quando elas repousam nos braços da tua cadeira predileta, uma luz parece vir de dentro delas... Virá dessa chama que pouco a pouco, longamente, vieste alimentando na terrível solidão do mundo, como quem junta uns gravetos e tenta acendê-los contra o vento? Ah, como os fizeste arder, fulgir, com o milagre das tuas mãos! E é, ainda, a vida que transfigura as tuas mãos nodosas... essa chama de vida – que transcende a própria vida... e que os Anjos, um dia, chamarão de alma.

Mario Quintana 190(6-1994). Poeta, tradutor e jornalista brasileiro. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005, p. 491.